

Da morte não nos escapamos

EMÍLIA COSTA

Carlos Alberto Machado, *Teatro Reunido [2000-2010]*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, Coleção Azulcobalto Teatro, n.º 9, 2014, 380 pp.

O homem, por ser homem, por ter consciência, é já, em relação ao burro ou ao caranguejo, um animal enfermo. A consciência é uma enfermidade.

MIGUEL DE UNAMUNO



Teatro Reunido [2000-2010], de Carlos Alberto Machado, permite dar a conhecer a maior parte da obra que este autor singular da dramaturgia portuguesa foi criando na primeira década deste novo milénio.

Nascido a 18 de Novembro de 1954, em Lisboa, Carlos Alberto Machado tem multiplicado experiências em várias áreas (das artes do palco à poesia e ao ensino) e por várias zonas de Portugal (do Alentejo aos Açores), numa avidez de conhecimentos e de desafios, privilégio apenas de quem vive a existência em permanente interrogação e risco, vedado a quem passa pela vida entre conformismos e cobardias. Homem de multifacetadas valências, desde muito cedo elegeu o teatro como uma das suas paixões, a ele se dedicando como actor, cenógrafo, produtor, dramaturgo, encenador, investigador, crítico, historiador e professor.

Este livro, dotado de um prefácio da autoria de Rui Pina Coelho que nos transmite, de forma sucinta e rigorosa, o percurso do autor, as suas influências e as suas matérias de eleição, reúne as treze peças mais significativas que Carlos Alberto Machado redigiu em dez anos. Da sua leitura surge-nos um *corpus* temático evidente: o jogo com a morte e o questionamento sobre o poder das palavras.

Provido de uma visão holística do mundo e do saber, Carlos Alberto Machado compreendeu que as grandes questões da humanidade despontam nos episódios ínfimos do quotidiano, no pensamento mais esconso do mais insignificante dos homens; por isso, como refere na introdução da magnífica peça *Hamlet & Ofélia*, escrita em 2003, ao longo da vida foi-se cruzando, em Bissau, Lisboa, Klina e Nova Iorque, com muitos heróis anónimos, próximos dos mais famosos de shakespeariana evocação, seres de uma desassomburada loucura, para quem o mundo, no seu horror e tirania, não reconhece pertença.

Razão essa pela qual Ofélia e Hamlet, enclausurados num prostíbulo, vivendo da prostituição e dependentes de drogas, nesta versão de Carlos Alberto Machado, mantêm imaculada a sua grandeza e clarividência. O sofrimento por que padecem, essa dor física da impotência que os faz suportar todos os males como castigo, tal como no original da época isabelina, leva-os a ansiar pela morte, que, aliás, não se fará tardar.

Já em 2000, na peça *Ficava tão Bem Naquele Canto da Sala*, a morte, mais concretamente, o suicídio, é o cerne da acção. Uma jovem de dezassete anos enforca-se, perto da época do Natal, no sítio onde habitualmente era colocada a árvore. Os pais, ao depararem-se com o corpo morto da filha, pendurado de uma porta alta, mantêm-na nessa posição, enquanto conversam sobre as alterações de hábitos que o acto inesperado da filha vai provocar nas suas existências, procurando encontrar rapidamente soluções para minimizar essas perturbações do quotidiano. Talvez ainda seja possível colocar a árvore de Natal naquele sítio, depois de lá tirarem o corpo?, questionam-se. Talvez ainda seja possível comemorar a ceia de Natal, com menos uma pessoa é certo, mas ainda assim, desde que se aja no tom adequado, mais triste, talvez?, interrogam-se. Mas o momento mais absurdamente confrangedor, que nos remete para o universo de Harold Pinter, é o da atribuição da culpa do acto suicidário da filha à poesia e aos filmes, ponderando apresentar queixa contra os autores dessa propaganda criminosa. Com uma sobriedade e inteligência nos diálogos, o absurdo torna-se convincentemente credível, e, depois de aturada investigação, o responsável não é, afinal, Mário de Sá-Carneiro, poeta que também pecou contra a vida, mas sim, Álvaro de Campos, pela poesia que a filha morta deixou espalhada na cama, como derradeiro companheiro: «Se te queres matar, por que não te queres matar? Ah, aproveita! Que eu, que tanto amo a morte e a vida, Se ousasse matar-me, também me mataria... Ah, se ousares, ousa!» (Pessoa, 1986: 213).

O ano profícuo de 2000 é também responsável por dois monólogos, *A Felicidade Ideal* e *Transportes e Mudanças*, e por uma peça para sete vozes, *Os Nomes Que Faltam*.

A peça *Os Nomes Que Faltam* fala-nos da nossa necessidade de histórias, da volatilidade da memória, da fugacidade do tempo e da irrelevância das palavras. O nome, o nosso nome, esse património que nos distingue dos outros, afinal para que nos serve. Que nome é hoje o teu?

A Felicidade Ideal conjuga brilhantemente no arguto título os dois negócios – a Fotografia Felicidade e a Funerária Ideal – explorados

pelo pai do protagonista e, por morte deste, sua herança. O pai, obcecado com a verdade interior dos fotografados que se revela no acto da fotografia, acreditava estar na posse dos segredos inconfessáveis da alma de quem se deixasse fotografar na sua Fotografia Felicidade, mesmo que já não pertencesse ao número dos vivos e integrasse o negócio da Funerária Ideal. Se da morte ninguém escapa, como resistir-lhe quando ela ronda por todas as esquinas, por todas as brechas, por todos os poros? Para cumprir o destino inevitável de quem faz da morte um negócio, o protagonista assassina a mãe e o irmão, sementes daninhas empestadas de morte, e, de seguida, termina com a sua própria vida. A vida é um embuste, e quem tenha a coragem de a olhar nos olhos não sobreviverá.

Em *Transportes e Mudanças*, o monólogo é feito no feminino, por uma intelectual, apaixonada pelas palavras e pelos livros que as contêm, mas a quem as palavras já não podem salvar. Ao descobrir que é enganada pelo marido, homem carnal, totalmente avesso às palavras, que se move apenas de acordo com o instinto primário do desejo, não consegue resistir à humilhação e acaba por se encaminhar na direcção da morte. Afinal as palavras, por mais belas que sejam, não nos protegem da dor.

Na peça *Avesso*, de 2001, os bastidores, aquilo a que não se assiste num espectáculo, torna-se acção, e, numa clara homenagem aos actores, presenciamos, nos intervalos das cenas, os desabafos desses heróis frágeis, a quem se exige, antes de entrar em palco, a transmutação na personagem, independentemente do desespero em que se encontre. O *glamour* da profissão de actor é desmistificado em palavras de uma tristeza poética.

Restos. Interiores, pequena peça de 2002, prossegue a temática da morte, através do testemunho de três enlutadas, actrizes talvez, para quem o percurso normal da vida foi bruscamente interrompido pela morte do ente amado. Para que serve continuar depois disto? Ressoa-nos a pergunta. Em 2003, outra pequena peça, *Aquitanta*, confronta-nos com a nossa inevitável solidão, descrevendo-nos o amor como tentativa fruste de partilha, num contacto impenetrável entre dois corpos isolados. Em *Paisagens, Imagens*, peça de curta duração de 2006, assistimos a pensamentos fugazes de humanos e animais, numa clarividência triste.

Na peça *5 Cervejas para o Virgílio*, de 2009, Carlos Alberto Machado relembra Virgílio Martinho, escritor e dramaturgo português, falecido em 1994, de quem foi grande amigo, atribuindo-lhe o papel de narrador. Nos cinco tempos em que

a peça se divide, adivinhamos dois espaços principais: um de claustrofobia, onde a Milícia Popular de Regeneração dos Costumes Morais e Físicos tudo controla, asfixiando a vida e o amor, apenas sobrevivendo o conformismo e a cobardia; o outro de autobiografia, que surge nas conversas regadas a cerveja gelada entre o jovem autor e o profético Virgílio.

A guerra enquanto palco privilegiado do horror humano também não podia estar ausente das temáticas de Carlos Alberto Machado, pelo que, em 2009, escreveu a peça *Os Bravos do Kosovo*, onde espelha o silêncio de um território torturado pela guerra, mesmo depois de esta já ter terminado. O amor que se desenvolve no pós-guerra será sempre um amor com cheiro a morte.

O Sentido da Vida, peça de 2010, em vinte e uma pinceladas de pensamentos e diálogos surdos, revela-nos a ausência de sentido neste absurdo e desconcertante percurso que é a vida humana. De nada nos serve organizar o futuro e fortalecermo-nos com o passado, pois apenas o presente, esse escasso momento que não se deixa encerrar pelo pensamento, existe. Tudo o resto é ilusão, vã vaidade, tropeços da morte.

Face à sua actualidade, a que acresce a excelência com que o tema é retratado, num belíssimo monólogo de dor e solidão, terminamos com *Hoje não Há Música*, peça de 2010, onde um indivíduo em cima de uma mesa de um restaurante piano-bar esclarece as razões pelas quais, dentro de momentos, se fará explodir, matando-se a si e às pessoas que aí se encontram, todas vítimas, todas culpadas, todas inocentes. Esta peça centra-nos na problemática do racismo, da xenofobia e do ostracismo na Europa Ocidental, onde paralelamente ao desenvolvimento tecnológico não se verificou uma evolução das mentalidades, como o comprova o crescimento, cada vez mais evidente, da extrema-direita nas políticas nacionais.

A enfermidade que a consciência trouxe ao ser humano é admiravelmente descrita nas poéticas palavras de Carlos Alberto Machado nestas treze peças que a Companhia das Ilhas deu a conhecer ao grande público. Oito destas peças já foram encenadas, mas o seu destino é, e sê-lo-á sempre, a representação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PESSOA, Fernando (1986), *Obra Poética*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores.

UNAMUNO, Miguel de (2007), *Do Sentimento Trágico da Vida*, trad. Cruz Malpique, Lisboa, Relógio D'Água Editores.